

IMAGENS DE BRASIL NA “LITERATURA DE INTUITOS” PORTUGUESA

Virginia Célia Camilotti
UNIMEP

RESUMO:

Os primeiros anos da República em Portugal engendraram um tipo de expressão nas letras que se autodenominou “literatura de intuitos”. Seu traço marcante, além do repúdio à ideia da arte pela arte, é, conforme Seabra Pereira, a afirmação da literatura como “missão ética e social”, empenhada na subversão de modelos de mentalidade e de comportamento derivados do sentimento de decadência nacional, e interessada na regeneração da pátria. A fim de mobilizar imagens e símbolos capazes de propulsionar a vontade regenerativa, tal literatura adota o Brasil, país da plena energia, como imagem modelar e *dynamis* da missão que se impôs. Pretendo explorar os contornos deste Brasil traçados pela “literatura de intuitos”, em especial na prosa de João de Barros, bem como a apropriação dessa imagem pelos homens de letras no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura de intuitos; pátria; João de Barros.

ABSTRACT:

The early years of the Republic in Portugal engendered a kind of expression in the letters that called itself "the literature of intentions." Its striking feature, apart from repudiating the idea of art for art is as Seabra Pereira, the affirmation of literature as "social and ethical mission," committed to the overthrow of models of mind and behavior, especially those derived from the sense of national decline and interested in the regeneration of the country. In order to mobilize images and symbols capable of propelling the willingness regenerative, such literature adopts Brazil, a country full of energy, such as image model and dynamis of the mission that was imposed. I intend to explore the contours of this Brazil set by the "literature of intentions," especially in the prose of João de Barros, as well as ownership of the image by the men of letters in Brazil.

KEYWORDS:

Literature of intentions, homeland, João de Barros.

No âmbito da temática central a este colóquio, que assinala o “Ano de Portugal no Brasil” e visa explorar o diálogo cultural entre Portugal e Brasil ao longo da história, pretendo abordar a constituição de uma mitologia identitária envolvendo Brasil e Portugal, engendrada nas primeiras décadas do século XX, que teve por artífices principais o jornalista e literato brasileiro João do Rio e o poeta português João de

Barros, e, na revista *Atlantida* (1915-1920) e no Jornal *A Pátria*, fundado em 1920, veículos privilegiados à sua projeção.¹

Trata-se de uma mitologia identitária que significa uma descontinuidade nos modos com que esses países e a relação entre ambos vinham sendo representados desde o processo de independência do Brasil. Para o caso brasileiro, tal mitologia diverge das fórmulas propostas pelos românticos e modernistas, que implicavam operações de subtração ou denegação de Portugal como figura simbólica no Brasil. Da parte de Portugal, essa mitologia superava a necessária relação de inclusão e subordinação do Brasil como figura simbólica a Portugal.

Concebida em termos de vínculos identitários derivados da esfera da comunicação, tal mitologia foi formulada enquanto território histórico/linguístico, definindo uma comunidade, antes no tempo que no espaço, e, acima de tudo, como geografia moral.

Na tentativa de circunscrever essa mitologia identitária ou este *nós* português-brasileiro quanto aos elementos de ordem simbólica que a compõem, as operações intelectuais que se atualizaram em favor de sua constituição e os vieses políticos nela implicados, ocupo-me do levantamento das imagens de Brasil formuladas e, ao mesmo tempo, pressupostas pelos intelectuais partícipes da construção desta mitologia, em especial por João de Barros, seu artífice maior em Portugal. Imagens capazes de alavancar a ideia de Brasil e Portugal como uma mesma “Pátria artística, espiritual e moral” (BARROS, 1913, p.18).

A identificação destas imagens demandou a inscrição de João de Barros nos movimentos literários dos primeiros anos do século XX em Portugal. Tal exercício o revela como integrante de um tipo de expressão nas letras portuguesas que se autodenominou “literatura de intuítos”. Com tal nomenclatura, escritores e críticos visavam não somente imprimir uma marca distintiva à literatura que exerciam, como, por meio dela, declarar a intenção de um embate. Embate com outras orientações literárias que ocupavam a cena portuguesa desde fins do século XIX, envoltas com a ideia da arte pela arte, expressas nas formas do esteticismo simbolista e decadentista (PEREIRA, 2010, p.340) ou, ainda, no movimento de abstenção política e social a que se lançaram escritores como Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Gomes Leal (PEREIRA, 1982, p.27).

Literatura de intervenção, a “literatura de intuítos” concebia-se como missão ética e social, pretendendo subverter modelos de mentalidade e de comportamento

¹Este artigo é uma versão revisada da comunicação de mesmo título apresentada no 6º Colóquio do PPRLB *Portugal no Brasil: Pontes para o Presente*. Versão bastante ampliada do mesmo foi recentemente apresentada no XXX Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA), em San Francisco (CA), de 23 a 26 de maio de 2012.

derivados do sentimento de decadência nacional (PEREIRA, 2010, p.337), interessada na regeneração da pátria.

Ao fazer da *Revista Nova* (1901-1902) e *Arte & Vida* (1904-1906), veículos de seu programa literário, nomes como Nunes Claro, Mayer Garção, Fernando Reis, Manuel Cardia, João Grave, Manuel de Souza Pinto ocuparam-se da crítica ao campo literário português e pregaram os preceitos de uma literatura de “corte vitalista e emancipatório” (PEREIRA, 2012, p.337).

No que se refere a João de Barros, que rapidamente conquistou o lugar de expoente desta corrente, além de ter efetuado naquelas revistas um intenso exercício de crítica da vida portuguesa, pronunciou-se sobre as funções da arte, insistindo na “Vida” como seu emblema: “é na vida, [...] – que os artistas hão de encontrar [...] motivos, e inspiração, [...] para estancar a sede de novo e de desconhecido que os tortura” (BARROS *apud* PEREIRA, 1982, p.6). Em outros veículos, tratou de publicar uma poesia congruente com tais críticas e com a função da arte explicitada, a exemplo de “O Velho Navio”.

No poema, pode-se notar o claro abandono dos domínios egotistas e, por meio da interpelação do *outro* e da metáfora do velho navio, vê-se uma intimação a Portugal, em evidente exortação moral:

Quebra as amarras,
Navio triste, adormecido junto ao caes!
Não oiças mais
A voz nervosa, a voz chorosa das guitarras
Nas mãos inquietas dos marujos, dos arraes!
[...]
Deixa o Passado junto ao caes, ó meu Navio!
[...]
Parte depressa, fuge breve, ó meu Navio,
É o futuro que te chama, ó coração!

[...]
Enfuna as velas, não hesites de saudade!
Quem fôr ao leme que te guie com firmeza:
–Vaes para o Sol, para o Amor, para a Beleza?
[...]
Parte sósinho, ébrio de tudo quanto ignoras...
Nos horizontes vão romper novas auras
[...]
– Quebra as amarras, meu Navio, vae sósinho
Vae para o Mar!

[...]
E para o sonho que deseja repousar.
Simples miragem?... O que importa? ... Se a miragem
Nos trouxe a febre de partir e de aportar,

A Primavera renascente da viagem!...
Deixa o Passado junto ao caes, ó meu Navio!
[...]
Vae para o largo, para o Mar, quebra as amarras,
Não oiças mais o seu encanto doentio!
[...]
Atira ao fundo com teu lastro de amargura,
[...]
– De vida morta, de vida impura –
E a prôa em riste, entre gaivotas a cantar,
Vae para o Mar!... (BARROS, 1913, p.53-55)

Exortação moral que remete para o abandono da velha cantilena do passado glorioso, que só faz o velho navio/Portugal amarrado e imóvel, num encanto doentio. Exortação ao movimento, à febre da coragem, da vontade.

Incitação moral que mantém clara correspondência com preceitos de uma arte que tem na Vida seu emblema, ganhando distância significativa do “neo-romantismo ‘saudosista’” e do “neo-romantismo lusitanista” (PEREIRA, 1982, p.60), uma vez que não apela às lembranças das glórias passadas ou à realidade essencial do povo português, a fim de mobilizar imagens e símbolos capazes de propulsionar a vontade regenerativa. É por meio da imagem de futuro – “nos horizontes que vão romper novas auroras” –, que se exorta tal vontade; ainda que esse futuro possa parecer “simples miragem”, ou “invenção de sentido”.

Transparece no poema o quanto esta corrente ou geração consente em inflexão nietzschiana. Sobretudo no que tange aos preceitos de que se não há sentido intrínseco no mundo, cabe inventá-lo e, a partir dele, dotar o homem de vontade para ultrapassar a si próprio.

Ao propor aplicar no plano pedagógico a doutrina do super-homem de Nietzsche, em artigo de 1906², intitulado “O Super Homem de Nietzsche e a educação”, Barros deixa evidente como este “ultrapassar a si próprio” é concebido: deve-se “esticar toda a sua energia, exaltar todas as suas faculdades, de maneira a ser sempre mais do que era no momento passado, mais do que lhe parece que poderia ser.” (BARROS *apud*, MONTEIRO, 1997, p.95)

Tomando em consideração a perspectiva nacional, em franca associação com o que cantava o poema – “Quebra as amarras!... / Deixa o Passado junto ao caes”–, pode-se inferir que o apego ao passado é o que determina a situação vergonhosa, de que fala Nietzsche, de pertencimento ao rebanho, em que o indivíduo [ou a pátria] renuncia a “procurar ter uma individualidade, ser forte e pensar por si” (BARROS *apud*, MONTEIRO, 1997, p.95). Demarcar-se do rebanho, segundo João de Barros, é libertar-

² Publicado na “*Revista Literária Científica e Artística*”, Jornal *O Século*, 16 de setembro de 1906.

se "de todos os tropeços que lhe trouxe a civilização moderna, procurando nos instintos a base da vida"; é libertar-se "do Cristianismo [...], do humanismo piegas, das leis que impedem a expansão da sua personalidade" (BARROS *apud* MONTEIRO, 1997, p.96).

Se a doutrina do super-homem, aos olhos de Barros, tem aplicabilidade no âmbito educacional, ela alimenta, também, sua poesia, fazendo-a valer para o quadro geral da vida portuguesa: "para uma pátria melhor", diria, "faremos dos nossos filhos uma raça com força de vontade", "gente cheia de vida e de saúde; gente mais inteligente [...] para criar um mundo [...] onde todas as ideias possam [...] florescer" (BARROS *apud*, MONTEIRO, 1997, p.96).

Sintonias em profusão em cada passo da obra deste que foi o expoente da "literatura de intuítos": da crítica intensa à apatia literária da geração *fin-de-siècle* à defesa de uma arte de intervenção, donde o vitalismo, com a apreçoção da Vida como matéria-prima, inspiração e motivo, completa-se com exortações à vontade de fazer, de querer do super-homem nietzschiano. Tudo num feixe amplo a incitar Portugal – a quebrar as amarras, a não ouvir mais o canto doentio, a deixar o passado, partir depressa, ir para o mar, para o futuro, na direção de uma miragem.

Mas que miragem de futuro seria modelar à missão que esta literatura se impôs? A resposta já se anuncia no próprio "O Velho Navio": "Quem for ao leme que te guie com firmeza: Vais para o Sol, para o Amor, para a Beleza?". E mais explicitamente no tríptico "Terra de Luz"; dele, em especial, no poema "Saudação ao Brasil":

Hoje – que emfim te vejo, ó Terra, irmã da minha,
Terra do meu desejo,
Vens toda para mim na carícia d'um beijo,
–Clara como este Sol que as ondas acarinha,
Harmoniosa como um desrolar de harpejo!

[...]

Eu já te havia olhado em minh'alma profunda
E reflectido n'ella,
Tua luz de paixão, que doira e que fecunda,
Tua vida febril de energia jocunda
E o sorriso do Mar que, verde, te circunda
Com seu collar de espuma em que a luz se ennovella!
(BARROS, 1913, p.59-60)

"Saudação ao Brasil" se vale do impacto causado no poeta pela sua primeira viagem ao Brasil, em 1912. Ainda que o poema registre "Eu já te havia olhado em minh'alma [...] e reflectido n'ella tua luz de paixão, que doira e que fecunda", é a partir desta viagem que Barros espalhará em diversos veículos, ao longo de dezenas de anos, a

figuração máxima do país da plena energia como modelo e *dynamis* do programa estético-político que a “literatura de intuítos” se impôs. Nos termos de Seabra Pereira é a partir de então que o Brasil aparece na obra de Barros enquanto utopia, “terra prometida das concepções antropológicas [...] subjacentes à sua poesia [...] e a suas posições pedagógicas” (PEREIRA, 1982, p.120).

Marco significativo desta formulação é a conferência “A Energia Brasileira”, proferida por Barros em Lisboa em 1912, por ocasião da comemoração do aniversário da República Brasileira. Se por meio da revista *Atlantida* é possível acompanhar o quanto o Brasil ocupa lugar decisivo do ponto de vista intelectual, político e econômico nas projeções para a vida portuguesa, por parte dos republicanos que nela se agregam, a conferência demonstra o lugar decisivo que o Brasil ocupa na obra de João de Barros, dado que, segundo Seabra Pereira, a “terra de luz”, materializadora de uma “jovem energia moral” é a figura contraposta ao espírito de decadência portuguesa (PEREIRA, 1982, p.121).

Mas que figuração de Brasil é esta especificamente?

Quanto ao que se formula em “A Energia Brasileira” em termos desse “Brasil”, há que se considerar primeiramente o formato adotado para a conferência, pois por ele Barros faz passar o embate com várias figurações de Brasil predominantes no cenário português de então. A conferência conforma-se a um relato de viagem, testemunho daquele que pode ver com seus próprios olhos o que constituía a terra brasileira. Eivado de caracterização psicológica de seu povo, o relato, logo de início, demarca uma afinidade entre o Brasil e o Portugal republicanos. A contextualização da proclamação da República no Brasil, efetuada por Barros, não faz coro com as teses de que a sua instauração configurava expediente decisivo à constituição de um povo até então inexistente; ao contrário, para Barros, a adoção do novo molde político no Brasil somente se explicava pela sua capacidade de abranger a já então expansão formidável do povo novo e progressivo, ansioso do triunfo “das forças latentes do país [...] de vitalidade” (BARROS, 1913, p.10). Tanto quanto a república portuguesa, que significou o “desejo de viver mais e melhor” (BARROS, 1913, p.11). Motivo mais que suficiente para a proximidade entre ambos.

Antes, ainda, de registrar o que seus olhos testemunharam – a transbordante vitalidade que redefiniu as bases legais e institucionais do Brasil –, Barros ocupa-se de esclarecer a natureza dessa vitalidade. Para tanto, lança mão de metáfora encontrada nas suas lembranças de infância – as fadas –, em consideração ao apelo que essas figuras são por si mesmas ao desejo “de phantastico e de impossível”; mais precisamente, pelo “gesto de energia soberana” com que tais figuras, “d’um momento para o outro, conseguem tudo o que ambicionam”. “Ente formado só de *Querer*”, as fadas traduzem

“uma energia de tal maneira forte e [...] activa, [...], que basta a simples exteriorização [...] desse querer [...] para que tudo logo se realize” (BARROS, 1913, p.13-14).

Em meio à declaração do motivo de sua viagem – mostrar aos intelectuais brasileiros que os escritores portugueses de sua geração compreendiam a necessidade de concretizar cada vez mais o Brasil como a mesma Pátria artística, espiritual e moral –, Barros admite ter desembarcado no país “chymérico das fadas, n’um paiz em que os homens possuíam [...] – essa mesma varinha de condão, esse mesmo poder de energia creadora” (BARROS, 1913, p.18-19). O Brasil é o país em que predomina o “homem-feiticeiro”, cujo substrato psicológico resume-se na “anciedade de mais e de melhor” e na “capacidade de satisfaze-la, sem hesitações” (BARROS, 1913, p.19-20). Tal ansiedade não se conformava à contemplação nirvânica da perfeição sonhada, e tampouco à morosa criação de obras-primas, mas à realização repentina do que se desejou (BARROS, 1913, p.20). Faculdade de querer e de realizar do povo brasileiro que não tem relação nenhuma com aquela disposição acentuada na velha lenda da árvore das patacas, em que se julgava tão fácil obter no Brasil o que se ambicionava que as libras eram como se caíssem das árvores (BARROS, 1913, p.22). Formulação que alimentou durante longo tempo, aos olhos portugueses, a imagem do “pouco esforço”, como característica do brasileiro em decorrência da prodigalidade da natureza.

Para Barros, a verdadeira energia que existia no Brasil era inteligente, consciente e tenaz. A fim de enfatizá-la, socorre-se com o companheiro de geração Manuel de Souza Pinto, que a traduziu na seguinte frase: “O Rio de Janeiro podia inscrever nas diversas muralhas dos seus caes [...] e nas plataformas das suas estações para informação dos que [...] o demandam: – são prohibidos os ociosos.” (PINTO *apud* BARROS, 1913, p.24).

Inversões de imagens a propósito do Brasil em profusão: sejam aquelas reiteradas por portugueses, sejam aquelas disseminadas entre os próprios intelectuais brasileiros – da velha lenda da árvore das patacas à ideia de que o trabalho como qualidade inerente ao homem, ou meio que lhe confere dignidade, seria forja difícil no povo dos trópicos. Para este último ponto, João de Barros expande ainda mais seu contraponto: se o povo brasileiro dá claras vistas de que o trabalho já lhe é um valor, esse trabalho não é “sem fito” ou apenas “para ganhar dinheiro”. É o trabalho como atividade que enobrece a “sociedade brasileira”; trabalho para “fazer civilização, installar cultura, derrama-la” (BARROS, 1913, p.25). Atestado maior desta conotação que o trabalho assume entre o povo brasileiro é o fato raro do brasileiro falar da natureza pródiga que o cerca; insistindo apenas sobre aquilo que é produto do esforço, da energia. (BARROS, 1913, p.25).

Ainda que o povo não fizesse causa da natureza que o cerca, o poeta dela se vale justamente para inspirar-se no detalhamento do seu feitio psicológico:

Ella é forte, toda em contraste, avassaladora, e sem aquellas *pieguices* de certas paisagens [...] feitas de *hesitações* [...]. A paisagem do Brazil [...] não conhece [...] hesitações: - é montanha que se ergue, [...], para o ceu, como a querer-lhe tocar; é vegetação que desce, [...] desabaladamente, para o mar [...]; ou que se entrelaça, se confunde, se multiplica, [...], desde os cimos das árvores [...] até o solo [...] fecundo. [...] E mesmo em certos recantos idillicos, não ha scenario para sentimentos indecisos, mas sempre um ambiente adequado á expansão d’ almas vigorosas, [...] corajosas, [...] violentas! (BARROS, 1913, p. 29-31).

Buscando ser rápido em declarar que não pretende provar com esta concordância entre o homem e a terra que a alma brasileira possui a energia que possui só por causa do meio natural, insiste que esta natureza tem a vantagem de não permitir que a luta entre ela e o homem fique sem valor educativo. Pois que tal luta adestra o homem, torna-o consciente da sua capacidade, tonifica-o, desafia sua coragem (BARROS, 1913, p.23).

Desta feita, temos, mais uma vez, em “A Energia...”, outras inversões em curso, em especial quanto às imagens da natureza tropical (o meio) como razão decisiva de uma “impossibilidade” ou de um “atraso”, contra a qual pouco se podia fazer, dadas a ver em formulações por exemplo como as de Tocqueville: “[...] reinava no ar daqueles climas, não sei que influência debilitante, que ligava o homem ao presente e lhe tirava as preocupações de futuro” (TOCQUEVILLE *apud* BRESCIANI, 2001, p.415).

Para Barros, se dessa energia já se tem a impressão logo que se chegava ao Rio, por saber como foi construída a Avenida Central, “rasgada de mar a mar como pelo galope insofreável d’um Pégaso offegante” (BARROS, 1913, p.20), e sua confirmação em São Paulo, pela azáfama reconstrutora da cidade (BARROS, 1913, p.21), o fato é que ela atualizava-se em todos os âmbitos da vida – nas artes, indústria, jornalismo, política e organização social.

Ao buscar atestar essa energia vigorando nos mais diversos âmbitos, Barros o faz em claro contraponto com a vida portuguesa. No que se refere à vida intelectual, por exemplo, a febre de criar é salientada por meio do que se passa em termos educacionais em São Paulo. Neste estado, diversamente de Portugal onde as iniciativas relacionadas ao ensino foram nocivas ou nulas, o interesse pela questão é completo, explicitado no gasto de um quinto de toda sua despesa no setor e no contínuo teste com novos métodos de ensino (BARROS, 1913, p.36-37). Os relatórios que integram o *Anuário de Ensino do Estado*, tanto pelo formato como pelo conteúdo, revelam a ansiedade e a consciência

aguda de que ao país que objetiva ultrapassar a si próprio o organismo pedagógico tem que ser agente de aperfeiçoamento rápido (BARROS, 1913, p.41).

Na literatura, por sua vez, o frêmito dessa energia, se deixa ver no prodigioso poder criador – na originalidade. Para demonstrá-la, Barros recorre a Carlos Maúl, dado que por meio de suas palavras pode prosseguir seu embate com as tendências pessimistas ou abstencionistas do cenário literário português. Maúl reclama aos poetas brasileiros que deixem de destilar pieguices, “realejando [...] as melancholias de Antonio Nobre e outros poetas de além-mar”, pois:

somos um povo rico de juvenildade [...]. Cercados por uma natureza de um aparato selvagem, que enrija as almas [...] impellindo-as para as grandes conquistas, como podemos ficar enervados na inutilidade de um poetica, insegura e torturada, onde [...] soluços explodem como vivas notas de covardia e desanimo?... Com uma ampla liberdade de rythmos eu procuro magnificar acima de tudo as delicias da vida e as victorias do homem. (MAÚL *Apud* BARROS, 1913, p.48)

Ao destacar a criação do Teatro Nacional como outra amostra absolutamente notável da energia brasileira, Barros a caracteriza como algo que não carece fundar-se na tradição, tratando mais uma vez de inverter imagens reiteradas sobre as condições para a emergência de um genuíno teatro nacional ou da genuína literatura: a necessidade de embeber-se na obra dos predecessores, para fecundar o legado positivo das experiências anteriores, configurando nisso a originalidade – sinônimo de independência das modas literárias.³ Criar arte, literatura e teatro, por uma determinação da vontade, a exemplo daqueles “fakirs que [...] fazem nascer [...] frutificar plantas em dez minutos!”, que não têm “raízes no solo” (BARROS, 1913, p.56), constitui, para Barros, aspecto decisivo da “vontade de querer” brasileira.

O que se processa nas artes plásticas revela outro detalhe dessa determinação de vontade. O olhar de João de Barros sobre o conjunto da geração que se anima neste veio de expressão impacta-se com a busca pela preservação da autonomia. Os artistas “querem diferenciar-se”, diz o poeta, visando não pertencer “ao mesmo rebanho submisso!” (BARROS, 1913, p.58). Assim também é a imprensa, que “demonstra, [...] a falta de submissão a uma covardia ou a um gosto geral”. Não havendo dois jornais do mesmo tipo no Brasil, cada um procura estabelecer uma nova feição ou orientação (BARROS, 1913, p.60).

Tenacidade, originalidade, autonomia, ausência de submissão são elementos que se associam à manifestação dessa energia. Todavia, para Barros, é a “consciência” o elemento central à sua modalidade. Segundo o poeta, pode-se ser enérgico por excesso

³ Perspectiva adotada pelas vozes românticas no Brasil do XIX.

de *temperamento* ou *inconscientemente*, mas a energia brasileira é "esclarecida, conhecedora das suas possibilidades de agir, e do país" (BARROS, 1913, p.61).

Desta forma, João de Barros preparava cuidadosamente o terreno para o lançamento de uma revista cultural como veículo de um programa de aproximação entre Brasil e Portugal, cujos objetivos definiam-se nos seguintes termos: "dar ao conhecimento a mesma pulsação que une e prende ambos os povos", fazendo-os "desvendar, um em frente do outro, as almas gêmeas; e deixar que nesse espelho fiel um ao outro se possam mirar longamente" (BARROS, 1918, p.515).

Antes disso, porém, e na própria "A energia brasileira", Barros declarava pretender que Portugal aprendesse com o Brasil um pouco da sua energia (BARROS, 1913, p.66). Energia brasileira que, por sua vez, materializava apenas o sonho emancipatório para Portugal, presente no próprio projeto estético-político da "literatura de intuítos". Projeto adensado com estratégias de aproximação entre ambos os países que se completariam no âmbito econômico e político, tendo em vista a campanha levada nas páginas da Revista *Atlantida* por uma confederação entre as duas Repúblicas.

Jogos múltiplos de espelhamentos: projeções de desejos a respeito de Portugal, refletidos no Brasil, e num Brasil por fim encontrado, do qual se demandava para com Portugal contágio. Tratava-se efetivamente de um delicado caminho de seduções. Caminho tão delicado, que torna difícil o seu deslindamento, sobretudo se considerarmos os testemunhos de João do Rio quanto ao impacto que a visita de João de Barros e a sua obra produziu sobre os próprios brasileiros:

Só deixas-te aqui amigos e admiradores... e discípulos. Sim, discípulos. Os meninos agora são todos dionisíacos, cantando a alegria, a força, e outras coisas esplêndidas que estão no *Anteu*.⁴

E tu, d'Annunzio?

Muitos discípulos? Aqui eles continuam a proliferar. O teu passeio foi a aparição de Dionisos. Há bacanaís em cada poema e os poetas rebentam de esperança e de alegria.⁵

REFERÊNCIAS:

BARROS, João de. *Anciedade*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

_____. *A Energia Brasileira*. Porto: Livraria Chardron, 1913.

⁴ Carta de João do Rio a João de Barros de 3 de novembro de 1912. In Espólio de João de Barros, Biblioteca Nacional de Lisboa, numeração N11_2712.

⁵ Carta de João do Rio a João de Barros, datada de 27 de dezembro de 1912. In Espólio de João de Barros, Biblioteca Nacional de Lisboa, numeração N11_2713.

_____. “Discurso de João de Barros”. In *Atlantida*, n.28, ano III, vol. VII, 1918, p. 514-517.

_____. *Presença do Brasil – página escolhidas (1912-1946)*. Prefácio de Ribeiro Couto. Lisboa: Rio: Edições Dois Mundos, 1946.

BRESCIANI, Stella. “Identidades Inconclusas no Brasil do Século XX – fundamentos de um lugar-comum”. In BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (Res)sentimento – indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 403- 429.

PEREIRA, José Carlos Seabra. “Literatura de intuitos no tempo republicano”. In *BIBLOS – A República e as letras*; v. VIII, 2ª. série, 2010, p. 337- 418 .

_____. *L’action littéraire et le oeuvre poétique de João de Barros*. Thèse pour l’obtention du grade de docteur du troisième cycle. Université de Poitiers. Poitiers, 1982.

MONTEIRO, Américo Eneas. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892-1939)*. Dissertação de doutoramento em Cultura Alemã. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997.

RIO, João do. Carta datada de 3 de novembro de 1912. In Espólio de João de Barros – Biblioteca Nacional de Lisboa, numeração N11_2712.

_____. Carta datada de 27 de dezembro de 1912. In Espólio de João de Barros – Biblioteca Nacional de Lisboa, numeração N11_2713.